



Braga
Rubem

De Rubem Braga para o DIARIO CARIOCA

DENTRO DA NOITE, NO FUNDO DO NAVIO ESCURO

Depois das Seis Horas, Ninguém Pode Ir Mais Para o Convés — Saudade e Invocação Lirica da Noite — O “Cabaret da Cobra” Não tem Mulheres Nem Alcool — No “Poeira” de Bordo, as Fitas Não Têm Legenda Em Português: Quem Não Entende Pergunta ao Vizinho do Lado — Uma Fila Que o Carioca Não Conhece: a Fila do Ar — Comida Americana Traduzida Para o “Brasileiro” — Os Oficiais Também Fazem Côros e Também Cantam Samba, Mas Têm Menos Bossa

COM O 2.º ESCALÃO DA F.E.B., EM VIAGEM PARA A ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Por via aérea.

A bordo, o oficial ou praça que trabalha come três vezes ao dia; quem não trabalha come duas vezes. Quem come duas vezes faz o pequeno almoço às 9 e o jantar às 4 da tarde. Os americanos resolveram

abrasileirar a comida, mas a comida foi mal traduzida. Não é comida brasileira nem americana; é, provavelmente, a comida típica de alguma parte do Atlantico. Come-se. O que impressiona a bordo é a limpeza.

O comandante americano tenente coronel Mc Nair declarou que tem transportado muita tropa nesta guerra e até agora não transportou nenhuma tão limpa e disciplinada como a nossa.

Não sei se é costume dele dizer isso, mas que há limpeza há. As 10 da manhã há inspeção geral dos camarotes e com-

partimentos. Há premios para o compartimento mais limpo e bem arrumado, e as praças disputam esses premios. Como todos estão rigorosamente em ordem, a imaginação trabalha para ganhar o premio: os homens começam a enfeitar seus compartimentos, inventam coisas dispõem os cobertores em V da Vitória. Os mais desleixados são vigiados pelos mais cuidadosos. O homem que acende um cigarro num camarote é imediatamente impedido de fumar pelos outros, porque só se pode fumar no banheiro ou no convés. E milhares de homens quando fumam fazem esta coisa absurda: jogam os palitos de fosforos e os tocos de cigarro exatamente nos cinzeiros ou nas latas de lixo.

Depois do Equador ninguém enjoou mais. O “moral da tropa” ergueu-se. Os praças formam choros e cantam sambas e canções. Os oficiais fazem o mesmo, porém com menos bossa. Pelas 6 horas fecha-se o navio; ninguém mais pode ir ao convés. As 6 e meia funciona o “Cabaré da Cobra”. Tem numeros variados, mas num “cabaret” há duas especies de coisa que sempre fazem alguma falta — senhoras e alcool. A proibição de beber foi rigorosa-

mente seguida: não entrou a bordo uma gota de cachaça sequer

As 7 e meia os oficiais tem direito a uma sessão de cinema. O salão fica mais cheio do que qualquer “poeira”: na gente sentada no chão e gente trepada nas cadeiras. Não há

(Conclue na 2ª pag.)

*A noite proibida
Set. 44 - FEB
pg. 15*

25/10/44 - segue -

52

DENTRO DA NOITE, NO FUNDO DO NAVIO ESCURO

(Conclusão da 1ª pag.)

legendas em português, e quem não entende pergunta a quem entende o que é que houve na teta.

Poras 9 e pouco acaba o cinema e logo depois se apagam as luzes do salão, ficando so algumas lampadas vermelhas muito fracas. É hora de dormir. Nas noites de calma isso era difícil. Os banheiros enchiam-se e depois os oficiais, uns em calças de pijama, outros em calção de física, vinham para o salão, onde se pode fumar e conversar. E ali ficavam conversando na penumbra avermelhada, até o sono bater. Descobriram que nos corredores e escadas sempre há algum vento. E na noite mais quente da viagem formaram-se essas filas que o carioca não conhece, e que devem servir de consolo aos que esperam o onibus, a carne ou o leite; as filas do ar...

E enquanto estamos trancados aqui na escuridão avermelhada, lá fora é a noite.

Desde que o navio saiu não vimos mais a noite. A noite não é proibida, com sua lua e suas estrelas. Navegamos para outro hemisferio. Certamente a lua está ficando mais cheta, noite após noite. Certamente algumas constelações morreram para as bandas do Sul; o Cruzeiro deve ter mergulhado nas águas. Certamente estrelas virgens para os nossos olhos subi-

bram do horizonte. Não sabemos. Fumamos na escuridão, trancados, e conversamos sem vontade e sem fé. Uma noite, correndo os compartimentos do navio, subindo e descendo escadas, vi de repente uma estranha claridade azul. Eu estava sozinho e não havia ali nenhum P.M. — o policia militar que está a todo momento em toda parte dizendo o que devemos fazer e por onde devemos seguir — e principalmente o que "não" devemos fazer, por onde "não" devemos seguir.

Hesitei um instante e galguei a escada estreita e escura. Tropecei numa soleira, e dei mais dois passos. Aquela desconhecida claridade azul era a noite. Saltei para o ar livre, sem fazer ruído. Um guarda estava ali perto, no convés, mas não me presentiu.

Há dez dias eu não via a noite: lá estavam as estrelas e em alguma parte devia estar a lua, porque o céu era azul.

Noite! Livre noite sobre a terra e sobre o mar, noite nas montanhas e no charco, no deserto e na rua, abençoada sêde! Os homens que fumam cachimbo na triste escuridão vos saudam: do fundo de nosso torpe salão vos abençoamos, oh lua, oh nuvens, oh estrelas do norte, oh grande noite azul.

Titulo da cronica de amanhã:
"O PRACINHA JUAN".

25/10/44

(A noite proibida - Set 44 - FEB)
pag. 12